
Entre a casa e o armazém. Relações sociais e experiência da urbanização, de São Paulo, 1850 – 1900, Maria Luiza Ferreira de Oliveira. São Paulo: Alameda. 2005. 415 p. ISBN 8598325-13-9

Marie Rose Dabul

Mestranda PPGE- Uninove

Pós-graduada em Administração Escolar - USJT

Professora de Política Educacional e Supervisão Escolar – Uninove

O livro da historiadora Maria Luiza Ferreira de Oliveira prende a atenção dos leitores, sejam eles professores, estudantes, pesquisadores ou aqueles que, simplesmente, se interessam pelas questões relacionadas à história da educação brasileira. São Paulo nascia com características de cidade moderna com traços rurais. A urbanização proporcionou o desenvolvimento das relações sociais e, nesse aspecto, a escola desempenhou papel primordial.

Esta obra, em estilo simples, de narrativa encantadora, retrata a história urbana de São Paulo, descreve e interpreta as condições de vida de classes médias em formação num ambiente urbano. A autora prende a atenção do leitor com informações bem articuladas e equilibradas nesta interpretação histórica.

Maria Luiza Ferreira de Oliveira consultou e interpretou dados de 329 inventários em dois períodos de rápida urbanização da cidade: o primeiro entre 1874 e 1885, e o segundo, de 1894 a 1901, e nenhum dado lhe escapou; levantou os inventários *post-mortem* no Arquivo do Poder Judiciário de São Paulo, trabalhou com o Juízo dos Órfãos, com os cartórios do Primeiro e do Segundo Ofícios de Família. Embora tenha estabelecido uma periodização,

não foi rígida, nesse aspecto, e quando encontrava alguma informação em um inventário de um morador da área de interesse, significativo, embora fosse de 1883, incluía-o na amostra, construindo, assim, um banco de dados.

Além disso, a autora examinou outros materiais nos cartórios de notas, colhendo dados sobre escrituras; no Arquivo Municipal trabalhou com papéis e caixas de documentos avulsos e pesquisou nos jornais A Província de São Paulo e no Correio Paulistano.

O inventário tem sido uma fonte importante para a historiografia em diversos países, inclusive no Brasil. Por meio desse material foi possível estudar a produção e a organização agrícola, a posse de escravos, a evolução da composição de fortunas e estudos mais gerais, que procuravam entender dinâmicas sociais como a mobilidade, os modos de vida, os costumes e a família.

Maria Luiza concentrou sua pesquisa nos inventários da região central da cidade freguesias da Sé, Santa Ifigênia e Consolação. Essas áreas eram as mais urbanizadas, populosas, de urbanização mais antiga e de maior concentração de comércio. Os dados coletados pela autora dizem respeito à origem social da pes-

soa (naturalidade, filiação, profissão), à família (estado civil, número de filhos, brigas pela herança), à inserção da pessoa na cidade (local de moradia, local de investimento, local de trabalho), à organização do capital (formas de investimento, renda total, circulação dos negócios), à vida material (móveis, jóias, livros), à “vida imobiliária” (tipo e preço dos imóveis), à urbanização (circulação pelos bairros, feição da rua) etc. Estudou aspectos particulares do cotidiano dos setores médios e intermediários entre elites e despossuídos urbanos, de mobilidade social ascendente e descendente, por meio de dados sobre condições de vida, reconstituição da formação das fortunas, circulação dos bens e negócios, sociabilidade e constituição dos bairros, tendo em vista a geografia da cidade na segunda metade do século XIX. Procurou entender as relações entre pequenos comerciantes, escravos, ex-escravos, imigrantes e migrantes no contexto das transformações, das tensões sociais e da normalização pelas quais passava a cidade, a partir da de expedientes para a sobrevivência e o enriquecimento, que respondiam às consequências da urbanização repentina, o aumento da população e o crescimento da economia.

A autora trabalhou com pessoas que nasceram entre 1810 e 1835, ou seja, teriam por volta de 35 anos na inauguração da ferrovia Santos-Jundiaí, em 1867, e perto de 40 anos quando surgiram os lampiões a gás, em 1872. Assim, a maioria dos inventariados estava na maturidade quando São Paulo começou a passar por grandes mudanças materiais. Já os imigrantes que aparecem devem ter chegado à cidade na década de 1860 e apresentavam uma vida enraizada e estabelecida.

O livro de Oliveira divide-se em cinco capítulos. No primeiro, investigou modos de viver na cidade – escolheu casos de acordo com a in-

serção profissional, analisou formas de ganhar a vida em São Paulo, ressaltou as dinâmicas do cotidiano, as transformações por que as famílias passaram e sua permanência na região e onde elas viveram. Concentrou o olhar sobre a região da Várzea do Carmo, área paradigmática na cidade, e procurou entender os processos de urbanização, acompanhando algumas famílias que ali viveram, sobretudo negociantes que investiram no mercado imobiliário para populações de baixa renda. Para finalizar o capítulo, registra uma visão geral dos inventários, apresentando, por meio de dados, tabelas e gráficos cuidadosamente elaborados, as características dos grupos de riqueza, distribuição de renda e a composição das fortunas. As vinte figuras, constantes no capítulo, enriquecem-no e ilustram mostrando São Paulo antigo: a Rua Tabatinguera, a Rua 25 de Março, o Pátio do Colégio, a coleta de lixo na cidade, os cocheiros, o Aterro do Brás – futura Avenida Rangel Pestana –, a Ladeira Porto Geral, entre outras.

No segundo capítulo, a autora dedicou-se à questão da presença dos escravos, pois, ao finalizar a pesquisa sobre a divisão dos grupos de riqueza, percebeu a importância da posse dos escravos para a sociedade paulistana, uma década antes da abolição, e como o fim dessa posse coincidiu com o início de transformações do espaço urbano. Procurou entender ainda quem eram os escravos que apareceram na documentação, seu modo de vida e como se inseriram na cidade após ganharem a liberdade. Este capítulo contém tabelas com porcentagens de proprietários de escravos, quantidade de escravos por faixa de valor, alforrias por meio de testamentos e outros.

No terceiro capítulo, a autora buscou entender as relações de crédito, as dinâmicas dessas relações, sua difusão e as práticas en-

volvidas no dar e receber crédito. Ela analisou 2483 operações de crédito registradas nos inventários, apresentando inúmeras tabelas com dados sobre os motivos das dívidas, credores e devedores, operações de crédito, dívidas passivas e ativas por inventário, práticas de crédito (hipotecas, letras, vales, obrigação), entre outros dados.

O quarto capítulo foi dedicado a analisar os que tinham loja aberta para a rua, com base nos inventários. Quais os tipos de comércio, como viviam seus donos, qual a sua inserção social, o surgimento dos armazéns que eram lugares de sociabilidade do bairro e que, por isso, se transformaram em ponto estratégico de referência e apoio na construção do cotidiano. Tabelas, gráficos e figuras ilustram o capítulo, mostrando o comércio de São Paulo que já despontava com lojas e seus produtos pendurados

à porta, nos térreos dos sobrados, sem anúncios ou vitrinas, e também vendedores de aves no mercado da Rua 25 de Março.

Finalmente, o quinto capítulo mostra uma cidade mais materializada em suas casas e prédios. Primeiro, a autora analisa a presença dos imóveis, dos significados que o “ser proprietário” carregava, tenta compreender a transformação urbana do período, a importância crescente do bem de raiz na economia dos setores médios e, em seguida, mostra formas de morar numa cidade onde a simplicidade de soluções arquitetônicas era a regra. As ilustrações indicam as casas, as pontes e praças da época, bem como a evolução e o progresso urbano presente.

No epílogo, há fotos de Militão Augusto de Azevedo, que viveu a trajetória de mudanças, tanto que registrou cenas da cidade e dos homens de São Paulo.

